

Utilização de testes psicológicos em Portugal

Leandro S. Almeida*, Mário R. Simões**, Maria João Seabra-Santos**, & Pedro A. Almiro***

(*CIEd-Universidade do Minho, **CINEICC/FPCE-Universidade de Coimbra, ***CIP-Universidade Autónoma de Lisboa)

Introdução

A avaliação psicológica integra a lista de práticas confinadas e identitárias da profissão de psicólogo. Neste sentido, justifica-se a sua análise para se compreender, através de inferências com base em evidência empírica, como evoluiu a investigação, a formação e a prática dos psicólogos. Pela sua relevância, justifica-se também que organismos internacionais e nacionais representativos da ciência e da profissão psicológica realizem, de forma cíclica, levantamentos sobre a prática da avaliação psicológica, em particular o uso dos testes e outros instrumentos, procurando conhecer os desenvolvimentos e propor melhorias na área.

Com o objetivo de identificar algumas condicionantes e recursos da avaliação psicológica em Portugal, apresentamos os primeiros resultados de um inquérito realizado em 2017/2018. Este estudo contou com o apoio da OPP, aliás refletido na boa dimensão da amostra conseguida.

Método

Amostra

Um total de 1.921 psicólogos acederam ao site após convite da OPP para colaborarem no estudo, contudo alguns não iniciaram o preenchimento ($n = 211$; 11%) e outros não foram além dos itens de caracterização ($n = 187$; 9,7%). Os restantes 1523 respondentes (que constituem a amostra deste estudo) são maioritariamente do sexo feminino (87,2%). A maioria possui como grau académico máximo o mestrado ($n = 740$; 49,0%), havendo 408 (27%) com a licenciatura (formação pré-Bolonha), assim como 227 com curso de especialização pós-licenciatura (15,0%) e 136 com doutoramento (9,0%). As idades oscilam entre 24 e 76 anos ($M = 39,57$, $DP = 9,25$), com maior concentração na

faixa dos 30 aos 40 anos. Os anos de prática profissional como psicólogo oscilam entre 1 e 45 anos ($M = 13.32$, $DP = 8.35$), com uma concentração de valores entre os 10 e os 15 anos. A amostra cobre as diversas regiões do país, havendo 31.0% da Grande Lisboa e 17.7% do Grande Porto (por curiosidade, 2.7% dos Açores e 1.9% da Madeira).

Instrumento e procedimentos

O questionário estava organizado em três blocos de informação: (i) caracterização do(a) psicólogo(a) respondente; (ii) descrição da prática de avaliação psicológica, nomeadamente razões e objetivos da avaliação, idades dos grupos populacionais avaliados e especificação dos testes usados; e (iii) perceções sobre problemas no uso dos testes, sobre a sua formação e sobre necessidade de regulação da prática de avaliação.

O mesmo questionário, em língua portuguesa e espanhola, foi trabalhado por representantes de 12 países ibero-americanos participantes no estudo para se fixar uma versão única, sendo a mesma aplicada *online*. Uma carta foi preparada para mobilizar os psicólogos para o preenchimento, referindo a importância da sua participação para aumentar a qualidade do estudo sobre o desenvolvimento dos testes psicológicos nos países ibero-americanos. O questionário era anónimo e a sua análise salvaguardou o anonimato.

Resultados

À questão “Na sua atividade profissional utiliza habitualmente testes ou questionários psicológicos?”, 146 respondentes referiram “Não” (7.6% da amostra), não respondendo às questões seguintes relacionadas com a prática de avaliação. Entre as razões apontadas para o não uso: 28 respondentes justificam que a sua prática (ação social, investigação, docência, direção de serviços, prática clínica, psicoterapia) não justifica a avaliação psicológica; 10 responderam que a avaliação psicológica não se adequa e não é aplicável, sem outras justificações; 3 apontam que a instituição não adquiriu testes; 2 referem a falta de instrumentos para as populações de trabalho; 2 apontam a falta de tempo e condições; 2 mencionam a sua preferência pela entrevista; por último, regista-se um respondente para cada um dos seguintes argumentos: estar desempregado, a avaliação não estar prevista no planeamento das atividades, não ver benefício da

avaliação psicológica na sua prática, não realização da avaliação formal, ou “utilizei mais de 20 anos mas agora não”. Comparando proporcionalmente os respondentes que usam ou não habitualmente as provas psicológicas, regista-se uma taxa ligeiramente superior de psicólogas que utilizam e de psicólogos que não utilizam testes ($\chi^2 = 5.80$, $gl = 1$, $p < .05$), não se registando uma diferença estatisticamente significativa entre uso e não uso em função do nível de formação académica. Os psicólogos que usam testes apresentam idade superior ($t = 2.58$, $gl = 1520$, $p < .05$), e também maior número de anos de prática ($t = 2.64$, $gl = 1517$, $p < .05$). Maior proporção de respostas “não uso” ocorre na área Social/Comunitária (31.5%) e mais respostas “uso” em Neuropsicologia, Psicologia da Educação e Clínica/Saúde (sempre acima de 90%) ($\chi^2 = 123.19$, $gl = 8$, $p < .001$).

Tomando apenas quem realiza de forma habitual a avaliação psicológica na sua prática ($n = 1383$), na Tabela 1 apresentamos as médias das percentagens de uso das provas psicológicas para vários objetivos listados da avaliação psicológica junto da amostra geral de respondentes.

Tabela 1

Média das percentagens de uso das provas para diferentes objetivos da avaliação

Objetivos	Amostra total	Objetivos	Amostra total
Rastreio	16.8	Avaliação de programas	6.8
Avaliação/diagnóstico	49.7	Investigação	6.6
Seleção	6.0	Docência	1.1
Orientação	12.7	Outro	0.3

Como podemos verificar a avaliação/diagnóstico, com uma média de 49.7, é claramente a justificação mais presente para o uso das provas psicológicas, importando acrescentar que o objetivo de despiste ou rastreio aparece em 2º lugar. De destacar a fraca referência ao uso das provas psicológicas no quadro da avaliação de programas, sugerindo que esta prática de avaliação é pouco implementada no nosso país. Por último, as médias baixas

de uso das provas para os restantes objetivos contemplados na questão colocada decorrem naturalmente, também, da menor presença na amostra de certas áreas profissionais.

Analisando estes resultados por especialidades, os psicólogos ligados à área de Psicologia Clínica/Saúde são quem mais usa os instrumentos com objetivo de rastreio e de avaliação/diagnóstico, seguidos pelos da área de Educação. O objetivo de orientação está significativamente mais presente na área da Psicologia da Educação, enquanto o de seleção surge mais representado na área de Trabalho e Organizações. Os psicólogos ligados ao Ensino Superior/Investigação são quem mais recorre a instrumentos de avaliação psicológica no quadro das atividades de investigação e de docência, como seria expectável.

Na Tabela 2 apresentam-se as médias das percentagens de uso das provas na avaliação psicológica junto de utentes de diferentes idades tomando os respondentes que realizam habitualmente a avaliação psicológica (n = 1383).

Tabela 2

Média das percentagens de uso das provas por faixas etárias dos utentes

Idades	Amostra total	Idades	Amostra total
0 a 3 anos	2.4	13 a 25 anos	28.3
3 a 7 anos	13.5	Adultos até 64	23.9
8 a 12 anos	24.0	Adultos mais 64	7.9

Os grupos etários dos 8 aos 12 anos, dos 13 aos 25 anos e dos adultos até aos 64 anos são aqueles a que se associam maiores percentagens de uso dos testes, representando, no conjunto, mais de 75% das utilizações. O recurso a provas para as faixas etárias extremas encontra-se pouco representado, com percentagens médias em torno de 8% para os adultos idosos e de cerca de 2% para crianças até aos 3 anos.

Diferenciando estes valores por áreas de intervenção dos psicólogos, os psicólogos da Educação são quem mais usa provas psicológicas na avaliação de crianças dos 3 aos 7 anos e dos 8 aos 12 anos, seguidos pelos de Clínica/Saúde. Esta situação ocorre ainda

para a faixa etária dos 13 aos 25 anos. A utilização de instrumentos com adultos até aos 64 anos é preferencialmente conduzida por psicólogos ligados à área de Trabalho/Organizações, seguidos pelos que exercem a sua atividade no Ensino Superior/Investigação, Clínica/Saúde e, finalmente, a Psicologia da Educação. Os adultos com mais de 65 anos são avaliados com testes e questionários, sobretudo por psicólogos ligados ao Ensino Superior/Investigação, seguindo-se os da área de Clínica/Saúde.

Por último, importa referir que alguns resultados deste inquérito foram já apresentados no 4º Congresso da OPP na cidade de Braga (12-15 setembro, 2018) e outros foram publicados (Seabra-Santos et al., 2019), estando em curso mais análises e estudos que serão, igualmente, divulgados junto dos(as) psicólogos(as) portugueses(as).

Referência

Seabra-Santos, M. J., Almiro, P. A., Simões, M. R., & Almeida, L. S. (2019). Testes psicológicos em Portugal: Atitudes, problemas e perfil dos utilizadores. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación/ Avaliação Psicológica*, 53(4), 101-112. <https://doi.org/10.21865/RIDEP53.4.08>